

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2017

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © by Alexandra Bracken
Publicado por Hyperion, uma chancela de Disney Book Group.
Todos os direitos reservados
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Passenger*
Título: *Os Passageiros do Tempo*
Autora: Alexandra Bracken
Tradução: Hugo Gonçalves
Revisão: Paula Caetano
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Vera Braga / Marcador Editora
Imagens da capa: © Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-316-6
Depósito 426 165/17

1.ª edição: junho de 2017

Para a minha mãe

*Em toda a História nunca houve ninguém com um coração
tão forte e bonito como o teu.*

PRÓLOGO

À MEDIDA QUE IAM SUBINDO, afastando-se dos trilhos serpenteantes que assinalavam o caminho para as aldeias mais próximas, o mundo abria-se diante deles na sua forma mais pura: silencioso, ancestral, misterioso.

Mortífero.

Nicholas passara a maior parte da sua vida no mar, ou suficientemente perto dele, para conseguir sentir-lhe o aroma de peixe e maresia quando o vento estava de feição. Mesmo agora, ao aproximarem-se do mosteiro, esperando que o edifício aparecesse entre a cobertura espessa de bruma e nuvens, deu por si a virar-se para trás, inutilmente procurando, além dos picos dos Himalaias, essa linha turva onde o céu encontra a curva da água ondulante — algo familiar onde pudesse lançar âncora antes que a sua coragem desaparecesse a par com a sua confiança.

A trilha, uma sequência sinuosa de degraus e terra, começara por se alongar entre os pinheiros que gotejavam musgo, e abraçava agora as escarpas intensamente verticais onde o Mosteiro Taktsang Palphug havia sido construído de uma forma quase impossível. As bandeiras de oração agitavam-se ao vento e sobre as árvores, e aquela visão aliviou-lhe um pouco a ansiedade no peito; lembrou-lhe, instantaneamente, a primeira vez que o capitão Hall o levara ao porto de Nova Iorque e as novas fragatas estavam enfeitadas com bandeiras de todas as formas e padrões.

Nicholas fez um movimento que pretendia aliviar a dor causada pela alça do saco de cabedal que se cravava no seu ombro — um gesto curto e cuidadoso que não o atrasasse pelo precipício na beira do caminho.

Já trepaste vezes sem conta mastros e o cordame de navios, e agora é que tens medo das alturas?

O cordame. As mãos dele ansiavam tocar-lhe de novo, e sentir a espuma do mar levantada pelo vento e o navio investindo através das águas. Nicholas tentou puxar os ombros para trás, cobrir de areia o poço de ressentimento no seu estômago antes que ali mesmo começasse um fogo. Já deveria ter regressado — devia estar com Hall e Chase, rompendo a crista de cada onda por onde navegassem. Em vez disso, estava num século estranho — XIX, por amor de Deus — na companhia de um sentimentalão incompetente, que precisava da sua ajuda para abotoar o casaco novo, atar as botas, dar um nó no cachecol e posicionar na cabeça aquele chapéu frouxo e ridículo, ainda que tivesse duas mãos e, segundo parecia, um cérebro dentro do crânio.

O saco de cabedal que levava a tiracolo batia-lhe pesadamente contra o flanco à medida que Nicholas subia na direção de Julian, que pusera a perna sobre uma rocha — a sua pose típica quando achava que havia mulheres à sua volta que pudessem contemplá-lo. Mas, naquele momento, Nicholas não conseguia imaginar quem é que ele tentava impressionar — os poucos pássaros que tinham ouvido enquanto atravessavam a floresta húmida? Julian fora sempre assim — dramático, vaidoso, com uma total falta de consideração — e Nicholas estaria cego por ter encontrado uma espécie de irmão, uma nova vida com a hipótese de conforto e riqueza e aventura, ao ponto de, voluntariamente, ignorar as evidências?

— Ouve, camarada, anda cá e espreita isto. É o Ninho do Tigre, sabes? Raios partam esta neblina infernal...

Por acaso, Nicholas até sabia. Fazia questão de ler tudo o que conseguia sobre o lugar onde o velho os mandava, de forma a conhecer qual a melhor forma de manter Julian vivo — um tipo constantemente teimoso e sem cautela. Nicholas partia sempre de um ponto de desvantagem, tanto de conhecimento como de treino. Quando percebera que a família nunca iria providenciar-lhe uma verdadeira educação para as suas viagens, começou a pensar se isso não seria intencional, uma forma de mantê-lo na sua posição mais baixa. Esse pensamento irritara-o o suficiente para que gastasse grande parte dos seus escassos fundos em livros de História.

— O guru do budismo no Butão, o Padmasambhava, de acordo com a lenda, voou até aqui montado num tigre. — Julian manteve esse sorriso que já os salvara de inúmeras escaramuças e problemas, um sorriso que dantes suavizava o coração e o temperamento de Nicholas, um sorriso sempre em busca de perdão. — Devíamos entrar numa das cavernas de meditação quando regressarmos. Talvez possas pensar um pouco. Aproveitar a vista e dizer-me se não vais sentir falta das viagens. Como é que, tendo em conta a tua vida pequena, terias vindo parar aqui de outra maneira? Esquece essas tuas ideias, está bem?

Em vez de dar um murro na direção da cara arrogante de Julian, ou até a ponta metálica da pequena picareta que levava presa às costas, Nicholas voltou a ajustar o saco de cabedal e tentou não se fixar no facto de que estava a ser novamente esmagado pelo peso dos pertences de Julian.

— Parece que vem aí uma tempestade — disse Nicholas, orgulhoso do tom firme com que soava a sua voz, apesar do chocalhar e dos silvos do ressentimento que sentia renascer dentro de si. — Devíamos fazer o resto do caminho amanhã.

Julian deu um piparote num inseto que pousara no ombro do seu casaco impecável.

— Não. Deixei uma coisa no bar clandestino de Manhattan, e quero lá voltar antes de ir ver o velho. — Julian suspirou. — Estamos outra vez de mãos a abanar. Mandou-nos para o meio de nenhures à procura de uma coisa que nem sequer deve existir. Clássico.

Nicholas observava como o seu meio-irmão girava o cajado nos dedos, e começou a ponderar no que iriam pensar os monges sobre eles: o príncipe presunçoso e de cabelo acobreado, com o seu novo equipamento de montanhista, intrometendo-se em lugares sagrados à procura de um tesouro perdido; e o rapaz jovem, de pele escura, claramente o serviçal, seguindo os passos do primeiro como se fosse uma sombra aprisionada.

Não era suposto as coisas serem assim.

Porque é que se tinha vindo embora? Porque é que assinara o contrato? Porque é que confiara naquela família?

Não é suposto eu ser isto.

— Anima-te, rapazola — disse Julian, simulando um soco no ombro de Nicholas. — Não me digas que ainda estás chateado por causa do contrato.

Nicholas olhou para as costas de Julian quando este deu meia-volta. Não queria falar daquele assunto, nem sequer pensar nele — na forma como Julian encolhera os ombros e dissera apenas: *Talvez devesse ter lido os termos com mais atenção antes de assinar*. Nicholas já escapara uma vez à escravidão imposta por aquela família, no entanto, no final, acabou por entregar-se novamente à servidão. Mas o velho falara de coisas impossíveis — de magia, de viagens, de uma quantidade de dinheiro que ele nem podia imaginar. Na altura, cinco anos de excitação não lhe haviam parecido um sacrifício.

A partir do momento em que percebera que nunca seria mais do que um pajem de um meio-irmão que nunca, mesmo nunca, nem dali a mil anos, assumiria publicamente esse parentesco, Nicholas limitava-se a engolir a bÍlis que lhe subia à garganta e terminava de ajeitar o lenço no pescoço de Julian da forma como este mais apreciava. Desde então, passara a dar-se conta do tempo como nunca antes. Cada segundo que passava levava consigo um pouco da determinação de Nicholas, e ele tinha medo de descobrir que fúria desastrosa poderia emergir de si mesmo quando as suas defesas fraquejassem.

— Devíamos voltar para trás e montar o acampamento — disse Nicholas, por fim, evitando o olhar inquisitivo de Julian. — E comecemos amanhã.

Julian fungou.

— Tens medo de uma chuvinha, é? Não sejas chato, Nick. Esta subida faz-se num instante.

Não era a subida que o preocupava. O ar já parecia rarefeito nos seus pulmões; e ele dera-se conta de que a sua dor de cabeça tinha menos a ver com o tagarelar incessante de Julian e mais com a proximidade perigosa a que estavam dos céus. Parecia que os joelhos se haviam transformado em areia; e as mãos estavam desprovidas de qualquer sensação.

Podia deixá-lo aqui. Ir-me embora a correr.

Mas para onde fugiria sem que o encontrassem? Não iria voltar para o capitão Hall; não iria regressar ao seu tempo. Nem sequer para a sua mãe.

Nicholas olhou para as nuvens, cinzentas como aço, que deslizavam, dispersas, sobre a cordilheira dentada dos Himalaias. Num navio, ele usava o mar e a própria embarcação para avaliar a intensidade de uma tempestade que se aproximava, e formar um plano para enfrentá-la em segurança. Mas ali não tinha uma coisa nem outra; havia apenas

uma comichão ténue na nuca, que o avisava da trovoada que explodia e ecoava no vazio entre as montanhas.

— É melhor que o velho tenha razão desta vez — disse Julian, reiniciando a subida. De onde Nicholas estava, parecia que uma sequência infinita de degraus fora colocada sobre a face rochosa e áspera do precipício, subindo e descendo de acordo com a forma natural da paisagem. — Estou farto dos joguinhos dele e essa coisa maldita está perdida. Até ele não ganha sempre.

Ele ganha sempre, pensou Nicholas, fechando os dedos com força até ter os punhos cerrados. *Nunca irei ver-me livre de nenhum deles.*

— Tudo bem, anda lá, Nick. Temos uma viagem pela frente — disse Julian. — E tenho tanta fome que comia um cavalo inteiro.

O primeiro pingo grosso de chuva caiu-lhe na cara, deslizando pela bochecha e escorrendo pelo queixo. Era um momento estranho. Nicholas sentiu-se preso a esse instante, olhando em volta à procura de um abrigo temporário, que ele sabia que Julian iria exigir, pois não gostava de molhar as botas. Além dos *choten* — os pequenos edifícios brancos que guardavam as elaboradas e garridas rodas de oração budista —, havia saliências na rocha sob as quais os peregrinos haviam colocado os seus relicários cónicos com cinzas.

— Ali! — disse Julian, num grito agudo e alegre, fechando o punho e elevando-o no ar. A neblina em redor do mosteiro descera, como se a chuva a tivesse empurrado. Parecia a superfície nebulosa de um lago e escondia as centenas de metros entre a beira da escarpa e o fundo rochoso do precipício lá em baixo. — Onde está a câmara? Tira-a cá para fora. Não está aqui ninguém que possa vê-la...

O trovão que explodiu sobre as suas cabeças ecoou como se fosse um tiro de canhão atravessando as montanhas. O corpo inteiro de Nicholas ficou tenso, encolhendo-se perante o ruído ensurdecedor do estrondo. Assim que o som se desvaneceu, os céus abriram-se e a chuva caiu pesadamente das nuvens, cegando-o por momentos com a sua força. Nicholas soltou um suspiro de susto quando a bâtega se intensificou e se transformou num sólido lençol de água, um fenómeno que ele só testemunhara uma vez, no mar, quando o seu navio se aproximara dos limites de um furacão. Rios de chuva desciam as saliências na rocha, escorrendo ao redor de Nicholas, e quase lhe arrancando os pés do chão.

Julian...

Nicholas girou na direção do limite do precipício quando Julian se voltou para gritar qualquer coisa, e viu como o pé esquerdo de Julian desapareceu assim que um pedaço lamacento do caminho se desmoronou debaixo dele.

Quando saltou, lançando-se no ar, um pensamento martelava a cabeça de Nicholas: *Assim não.*

— Nick! *Nick!* — Julian conseguira agarrar-se à beira do caminho, e a sua mão começava a deslizar para fora da luva ensopada por causa do peso do corpo pendurado sobre o abismo, sobre as pedras, sobre a neblina e as árvores. Nicholas arrastou-se para percorrer os metros que os separavam e esticou-se, esticou-se, enquanto o conteúdo do saco de cabedal chocalhava, espetando-se nas suas costas.

Com medo, a cara de Julian estava branca como um osso, a sua boca movia-se, implorava: *Ajuda-me, ajuda-me.*

Porque o ajudaria Nicholas?

Aquela família... Tinham-lhe tirado tudo, haviam levado a sua verdadeira família, a sua liberdade, o seu valor.

Uma satisfação fria e amarga apoderou-se de Nicholas, e até ao tutano, diante da perspectiva de, finalmente, ser ele próprio a tirar-lhes alguma coisa.

Porque ele é teu irmão.

Nicholas abanou a cabeça, sentindo a força da chuva que o empurrava para o limite da escarpa.

— Dá-me a mão... Estende o braço... Julian!

Uma expressão determinada assomou na cara de Julian, coberta de lama, quando ele esticou um braço, tentando agarrar a mão de Nicholas. Julian abdicara de se segurar firmemente à rocha para se impulsionar para cima; Nicholas atirou-se para a frente e agarrou-lhe os dedos.

O peso que Julian conseguira manter agarrado à rocha perdeu a aderência, a sua mão escapou da luva e a sua silhueta escura deslizou silenciosamente pela neblina macia como penas soltas; e Nicholas pôde ver, no fundo da ravina, uma irrupção de luz quando o corpo de Julian se desfez em pó brilhante.

Nicholas ouviu um estrondo e um barulho a quilómetros de distância, e soube que a passagem que haviam usado acabara de colapsar. O sangue rugia-lhe nos ouvidos, e em seguida um grito inaudível; não precisava de olhar, de procurar por entre bruma e a chuva, para saber que o tempo roubara o corpo destroçado de Julian, e que o dissolvera em nada mais do que uma memória.

NOVA IORQUE

Presente

UM

O MAIS INCRÍVEL era que, de cada vez que olhava para eles, Etta ainda conseguia ver algo de novo — algo em que não reparara antes.

Os quadros estavam pendurados na sala de estar havia anos, exatamente no mesmo sítio, sobre o sofá, alinhados como se fossem fotogramas de uma película de cinema com os melhores momentos da vida da sua mãe. De vez em quando, Etta sentia que algo se apertava no estômago quando olhava para eles; não era inveja, não eram saudades, mas algo ligeiramente semelhante. Etta viajara com Alice, participou no circuito internacional das competições de violino, mas nunca tinha visto nada como os temas daqueles quadros. Nada como aquele com uma montanha em espiral, elevando-se acima das árvores, na direção das nuvens, onde se escondia o seu cume.

Só agora, debruçando-se sobre as costas do sofá, é que Etta reparou que Rose pintara duas figuras que subiam o trilho, meio escondidas pelas bandeiras brilhantes e desfraldadas ao vento.

Os seus olhos moveram-se para outros quadros. Primeiro, a vista do estúdio em que Rose vivera, na esquina da 66.^a rua com a Terceira Avenida. Depois, o quadro seguinte: a escadaria do British Museum, povoada por turistas e pombos, onde Rose fazia retratos após se mudar para Londres. (Etta sempre adorara aquele, porque a mãe tinha pintado o momento em que Alice se aproximava para dar um raspanete a Rose porque esta faltara às aulas.) E depois a selva escura e luxuriante que se estendia para acariciar a pedra húmida do Terraço dos Elefantes, em Angkor Thom — aos 18 anos, Rose poupou dinheiro

suficiente para voar até ao Camboja e conseguira, com a sua lábia, trabalhar numa escavação arqueológica local, apesar de não ter quaisquer competências para a função. Depois havia o Jardim do Luxemburgo em flor e no pico do verão, quando Rose estudava na Sorbonne. E, por baixo desse, quase tocando no sofá e colocado mais à esquerda na parede, estava um novo quadro: um pôr do sol no deserto, pintado com tons flamejantes de rosa e ouro, e pontuado por ruínas.

Era a história da vida da sua mãe. Os únicos pedaços que Rose se dispusera a partilhar. Etta ponderava qual seria a história do novo quadro — havia anos que Rose não tinha tempo para pintar, e mais anos ainda desde que usara os quadros como adereços para as histórias de embalar que adormeciam a pequena Etta. Ela mal conseguia lembrar-se de como era a mãe nessa época, antes das contínuas viagens para ensinar as mais recentes técnicas de restauro, antes dos incontáveis projetos do departamento de conservação do Museu Metropolitan, em que limpava e reparava os trabalhos dos velhos mestres.

A chave entrou na fechadura e Etta saltou do sofá e endireitou os almofadões.

Rose sacudiu o guarda-chuva uma última vez antes de entrar em casa. Apesar da chuva do início do outono, a mãe parecia impecável — cabelo loiro e ondulado, atado num nó; os sapatos húmidos, mas não ensopados, a gabardina abotoada até ao pescoço. Etta, de uma forma forçada, ajustou o cabelo, desejando ter vestido já a roupa que levaria ao espetáculo em vez de estar com um pijama com as cores do arco-íris. Costumava adorar o facto de ser tão parecida com a mãe, porque não ver os traços do seu pai, que nunca conhecera, a olhar para ela no reflexo do espelho tornava mais fácil a vida sem a presença dele. Mas agora, Etta sabia que as semelhanças eram apenas físicas.

— Como correu o teu dia? — perguntou Etta, enquanto a mãe olhava para o pijama, e depois levantava a cabeça com o sobrolho franzido.

— Não devias estar já vestida? — replicou Rose, com o seu sotaque britânico carregado de desaprovação e revolvendo as entranhas de Etta. — A Alice vai chegar a qualquer momento.

Enquanto Rose pendurava o casaco no armário do pequeno apartamento, Etta enfiou-se no quarto, escorregando nas pautas musicais espalhadas no tapete e quase caindo de cabeça dentro do velho

guarda-fatos. Havia semanas que escolhera um vestido curto, vermelho-rubi, mas agora estava indecisa, pensando se a mãe o acharia muito informal, ou demasiado fofinho por causa dos laços em cada uma das alças. Tratava-se de um evento privado de angariação de fundos para o Museu Metropolitan, e Etta não queria que os chefes da mãe pensassem que ela não era uma verdadeira profissional.

Etta queria que a mãe voltasse a sorrir quando ela estivesse a tocar.

Pôs o vestido vermelho de lado, escolheu um vestido preto, mais sério e discreto, e sentou-se à secretária para começar a maquilhar-se. Depois de alguns minutos, a mãe bateu à porta.

— Queres ajuda com o cabelo? — perguntou Rose, olhando a filha no espelho pendurado na parede.

Etta era perfeitamente capaz de domar o seu cabelo, mas acenou que sim com a cabeça e entregou-lhe um mão cheia de ganchos e a vella escova. Sentou-se, muito direita, e Rose começou a desembaraçar os nós do cabelo.

— Não fazia isto desde que eras pequena — disse Rose, em voz baixa, segurando as madeixas de cabelo loiro, muito claro, na sua mão. Etta deixou que os olhos se fechassem, lembrando-se de como era ser pequena, ficar no colo da mãe depois do banho e ser penteada enquanto ouvia histórias das viagens de Rose quando a filha nem tinha nascido.

Agora, não sabia como reagir sem remeter a mãe para os seus habituais silêncios tensos. Por isso, perguntou:

— Vais pendurar o quadro novo que acabaste? É muito bonito. Rose deixou escapar um dos seus sorrisos raros — e suaves.

— Obrigada, querida. Quero substituir o quadro do Jardim do Luxemburgo pelo novo. Não deixes que me esqueça de ir apanhar o material para fazê-lo este fim de semana.

— Porquê? — perguntou Etta. — Adoro esse.

— O jogo de cores vai funcionar melhor com o novo — explicou Rose, enquanto pegava num dos ganchos na secretária e o colocava no cabelo de Etta. — A passagem da sombra para a luz vai ser mais óbvia. Não te esqueces, pois não?

— Não me esqueço — prometeu Etta, e depois, tentando a sua sorte, perguntou: — É o quê?

— Um deserto na Síria... Não vou lá há anos, mas tive um sonho há umas semanas, e não consegui tirá-lo da cabeça. — Rose penteou

as últimas madeixas tresmalhadas de cabelo e pulverizou-o com laca. — Fez-me lembrar uma coisa. Há séculos que tenho na ideia dar-te uma coisa.

Enfiou a mão no bolso do seu cardigã velho e gasto, depois abriu a mão de Etta e colocou-lhe na palma dois brincos dourados.

Duas pérolas brilhantes rolaram suavemente, juntamente com dois corações de ouro. Duas contas azuis escuras — não eram safiras — estavam presas a dois aros pequenos, como se fossem um amuleto. O ouro estava gravado meticulosamente, com detalhes que o faziam parecer pequenas videiras. Etta podia afirmar, pela qualidade do trabalho de joalharia — ligeiramente grosseiro — e a forma imperfeita dos desenhos, que tinha sido feito havia muitos anos. Talvez mesmo séculos.

— Achei que ficariam muito bem com o teu vestido para a estreia — explicou Rose, encostando-se à secretária enquanto Etta estudava a joia e tentava decidir se estava mais espantada pela sua beleza ou pelo facto de a mãe, pela primeira vez, parecer genuinamente interessada no evento — em vez de preocupar-se se o espetáculo encaixava no seu horário de atividades diárias.

Ainda faltava um mês para a sua estreia como solista profissional, mas Etta e a sua professora de violino, Alice, já haviam procurado o tecido no Garment District, uns dias depois de saberem que ela iria tocar o concerto para violino de Mendelssohn, no Avery Fisher Hall, com a New York Philharmonic. Depois de pôr no papel alguns esboços e ideias, Etta tinha trabalho com uma costureira local a fim de desenhar o vestido. Um bordado dourado de folhas e flores cobria-lhe os ombros e subia pelo corpete de *chiffon*. Era o vestido perfeito, na estreia perfeita daquela rapariga que era considerada — «O segredo mais bem guardado da música clássica».

Etta estava cansada dessa estúpida designação, que a perseguira durante meses após a publicação de um artigo no *Times* sobre o seu primeiro lugar na Competição Internacional de Tchaikovsky, em Moscovo. Era algo que reforçava a única coisa que ela ainda não tinha.

A sua estreia como solista numa orquestra estava a ser preparada há pelo menos três anos, mas Alice opusera-se firmemente à possibilidade de agendar esse tipo de compromisso. O que só deixava Etta agradecida, porque era uma jovem com um aterrorizante medo do palco, um medo que tinha de combater com toda a coragem nas suas primeiras competições. Mas, depois, Etta ultrapassara esse medo do palco e,

subitamente, tinha 15 anos, 16, e agora estava prestes a fazer 18, e começara a ver os miúdos que ela havia derrotado sem hipótese a fazerem as suas estreias nos seus países e no estrangeiro, ultrapassando-a numa corrida que ela liderara durante anos. Começou a ficar obcecada com o facto de que os seus ídolos se haviam estreado como solistas muito mais jovens do que ela: Midori, aos 11 anos, Hilary Hahn, aos 12, Anne-Sophie Mutter, aos 13, Joshua Bell, aos 14.

Alice apelidara a apresentação dessa noite, no Met, como uma «estreia suave», uma forma de testar os nervos de Etta antes do grande momento, mas parecia mais uma pequena lomba no caminho para subir a montanha — uma montanha que ela queria passar a vida inteira a escalar.

A mãe nunca tentara convencê-la a não tocar e a concentrar-se noutros estudos, dera-lhe apoio, ainda que de forma reservada, como era seu hábito. Devia ter sido o suficiente, mas Etta esforçava-se sempre muito para ter a admiração da mãe e captar a sua atenção. Esforçava-se muito, mas acabava sempre frustrada, uma e outra vez.

Ela nunca vai interessar-se, nem que se te mates para ser a melhor. Ainda estás a tocar para ti, ou apenas com a esperança de que um dia ela decida ouvir-te? Essas haviam sido as palavras gritadas por Pierce, o seu melhor amigo que se tornara também namorado, quando Etta finalmente acabou a relação, a fim de ter mais tempo para praticar. Mas eram palavras que, nos seis meses seguintes, haviam emergido uma e outra vez como uma dúvida sibilante e desagradável, até que também ela começou a duvidar.

Etta voltou a estudar os brincos. Não eram prova de que a mãe se preocupava? De que, de facto, apoiava o sonho de Etta?

— Posso usá-los esta noite? — perguntou ela.

— Claro — disse Rose. — Agora são teus. Podes usá-los quando quiseres.

— A quem é que os roubaste? — brincou Etta, enquanto os punha nas orelhas. Não conseguia pensar em nenhuma altura, nos 44 anos de vida da mãe, em que ela tivesse dinheiro para comprar aquele tipo de joia. Tê-los-ia herdado? Teriam sido um presente?

A mãe ficou mais tensa, os ombros curvando-se como as margens do rolo de pergaminho que tinha na secretária. Etta esperou um riso que nunca chegou — em vez disso, um olhar seco que assinalava a estúpida tentativa da filha de fazer humor. O silêncio entre elas esticou-se ao ponto de se tornar doloroso.

— Mãe... — disse Etta, sentindo uma estúpida vontade de chorar, como se tivesse arruinado um momento especial. — Era uma piada.

— Eu sei. — A mãe levantou o queixo. — É complicado. Há anos que não vivo como em tempos tive de viver, e os olhares das outras pessoas... Quero que saibas que *nunca* roubei nada na minha vida. Mesmo que as coisas estivessem péssimas ou eu tivesse muita vontade de ter alguma coisa. Uma vez tentaram passar-me a perna, e nunca esqueci essa sensação. Quase fiquei sem uma coisa do teu bisavô.

Havia um zumbido de raiva por trás das palavras, e Etta ficou surpreendida porque o primeiro instinto da mãe não tinha sido a contenção. Rose falava tão pouco da sua família — menos ainda falava do pai de Etta, ou seja, nunca — que a filha deu por si a tentar puxar o fio da meada, esperando que alguma coisa se revelasse.

— Foi o teu pai adotivo? — perguntou Etta. — O que tentou roubar-te?

A mãe exibiu um sorriso pequeno e forçado.

— Bom palpíte.

O pai de Rose morrera num terrível acidente num dia de Natal. O seu guardião, o avô, morreria um ano depois. E a família que a tinha recebido... O pai adotivo nunca lhe batera, é verdade, mas pelas poucas histórias que Etta tinha ouvido sobre ele, sabia que o seu controlo sobre a vida de Rose fora rígido, tão absoluto, que a mãe tivera de tomar a decisão de ficar e sufocar ou de correr o risco de fugir dali e ficar por sua conta.

— O que foi? — perguntou Etta, sabendo que estava a abusar da sorte. — O que foi que ele tentou roubar?

— Oh, uma velha relíquia de família. A verdade é que eu só tinha aquilo por uma razão: sabia que se o vendesse podia comprar o meu bilhete e sair de Londres, para longe da minha família adotiva. Sabia que o teu bisavô me deixara aquilo para que eu pudesse fazer uma escolha quanto ao meu futuro. Nunca me arrependi de ter vendido aquela coisa velha, porque foi isso que me trouxe até aqui. Quero que te lembres disso: no final, são as tuas escolhas que mais importam. Não são os desejos, as palavras, as promessas.

Etta assentiu, observando os brincos no reflexo do espelho.

— Esses comprei-os a uma vendedora de rua num mercado, um *souk*, em Damasco, quando tinha a tua idade. O nome dela era Samarah, e convenceu-me a comprá-los quando lhe disse que aquele

era o meu último dia de viagem, e que iria voltar a estudar. Durante muito tempo, vi-os como um símbolo do fim da minha viagem, mas agora acho que eles sempre tiveram o propósito de representar o princípio da tua. — Rose inclinou-se e beijou-lhe a cara. — Vais sair-te muito bem esta noite. Tenho muito orgulho em ti.

Etta sentiu imediatamente a ameaça das lágrimas, e pensou se alguma vez seria possível capturar verdadeiramente um momento. Todos os sentimentos amargos de desilusão foram levados pela vaga de felicidade que viajava nas suas veias.

Ouviu-se alguém a bater à porta e depois Alice usou a sua chave e anunciou a sua chegada com um empolado — «olá!».

— Vá, vamos — disse Rose, retirando um borboto do ombro de Etta. — Preciso de alguns minutos para me arranjar, mas encontramos lá.

Etta permaneceu quieta, com a garganta ainda apertada. Teria abraçado a mãe se ela não se tivesse afastado e ficado com os braços atrás das costas.

— Vemo-nos lá?

— Saio daqui a nada, prometo.

UMA TORRENTE DE FOGO atravessava as notas musicais, fazendo reverberar a respiração de Etta dentro do peito, afundando-se na pele dela até alcançar o interior dos ossos. Alice e ela haviam acabado de entrar no auditório ainda vazio.

Etta tinha de admitir: aquele violinista... Olhou para o programa que apanhara lá fora. Evan Parker. Isso. Ela já o ouvira tocar em algumas competições. Podia admitir que tocava de forma decente. Talvez até fosse bom.

Mas, pensou Etta, enquanto a satisfação a atravessava, e apesar de uma certa vergonha, *não é tão bom como eu*.

E certamente não tão bom para tocar a Chacona de Bach, Partitura n.º 2 em Ré Menor.

As luzes diminuíram de intensidade e varreram o palco com diferentes cores quando os técnicos na cabina fizeram ajustes de última hora para aproximarem o ambiente no palco do sentimento da peça musical; Evan estava no meio do palco, o seu cabelo escuro brilhava, e tocou a Chacona como se estivesse a tentar pegar fogo ao violino, completamente alheado de tudo e de todos. Etta conhecia esse sentimento. Podia ter muitas dúvidas na vida, mas nunca duvidara do seu próprio talento e do seu amor pelo violino.

Os músicos não tinham escolha quanto à peça de música que a administração do museu atribuía a cada um deles para o espetáculo de angariação de fundos dessa noite, mas uma pequena parte de Etta — uma parte amarga — ainda sentia uma certa inveja por ser ele a tocar aquele tema musical. A Chacona era considerada por muitos, incluindo ela, como uma das peças de violino mais difíceis de tocar com maestria — tratava-se de uma única progressão repetida em dezenas de variações vertiginosas e complexas. Era emocionalmente poderosa, e quase perfeita estruturalmente. Pelo menos era assim para Etta. E *devia* ter sido ela a tocá-la naquela noite.

A peça que lhe calhara, *Largo*, da Sonata n.º 3, era a última da apresentação dos violinos. A peça era docemente agitada, com um ritmo meditativo. Não era a criação mais complexa ou exigente de Bach, ou sequer a mais brilhantemente colorida, mas, como dissera tantas vezes Alice, não havia maneira de fazer batota quando se tratava de Bach. Todas as peças exigiam do intérprete que a técnica e a concentração estivessem na sua força máxima. Ela iria tocar sem falhas, e depois toda a sua concentração estaria na estreia futura com a orquestra.

Não estaria na sua mãe.

Não estaria no facto de que agora Etta não tinha ninguém a quem mandar mensagens ou telefonar para contar como correria o evento.

Não estaria no facto de que uma só noite podia determinar o seu futuro.

— Terias feito um bom trabalho com a Chacona — disse Alice, quando se encaminhavam para o palco, para entrarem nos bastidores —, mas esta noite a *Largo* é tua. Lembra-te, isto não é uma competição.

Alice tinha um olhar mágico, como se estivesse em casa, diante de uma lareira, embrulhada numa manta, contando histórias em rima a criaturas dóceis do bosque. O seu cabelo que, de acordo com fotografias, fora em tempos vermelho flamejante e muito longo, estava agora preso e era branco como leite. Os seus 93 anos não haviam diminuído a sua simpatia ou sagacidade. Mas embora a sua mente fosse tão sagaz como dantes, e o seu sentido de humor duas vezes mais apurado, Etta tinha o cuidado de ajudá-la a subir as escadas, e igual cuidado para não lhe agarrar no braço com demasiada força quando um dos coordenadores do evento as levava para os bastidores.

— Mas lembra-te também — sussurrou Alice, com um grande sorriso — que és minha *aluna*, e que por isso mesmo és a melhor que

aqui está. Se te vires inclinada a provar isso mesmo, quem sou eu para impedir-te?

Etta não conseguiu evitar o riso e envolveu os ombros da professora com os seus braços, sentindo-se grata por receber de volta um intenso abraço. Quando era mais nova e estava a iniciar-se no circuito de competição, não conseguia subir ao palco sem antes receber três abraços de Alice, além de um beijo na cabeça para dar boa sorte. Fazia com que se sentisse segura, como se tivesse um cobertor quente sobre os ombros, e assim podia recorrer sempre a esse sentimento caso precisasse.

Eu tenbo a Alice.

Mesmo que não tivesse mais ninguém, tinha Alice, que acreditava em Etta mesmo quando ela estava a tocar na sua pior forma. Das duas mulheres britânicas na sua vida, Rose e Alice, Etta sentia-se agradecida por haver pelo menos uma que parecia querer cuidar dela e amá-la incondicionalmente.

Alice desfez o abraço e tocou na cara de Etta.

— Está tudo bem, minha querida? Não estás com hesitações, certo?

— Não! — Ela não queria dar nenhum motivo a Alice para cancelar o espetáculo. — Apenas os nervos habituais.

Alice olhou por cima do ombro de Etta e esta começou a voltar-se para trás, para ver do que se tratava, percebendo depois que a professora ia tocar num dos seus brincos e que o sobrolho dela se franzia pensativamente.

— Foi a tua mãe que tos deu?

Etta assentiu com a cabeça.

— Sim. Gosta?

— São... — Alice parecia procurar uma palavra e afastou a mão. — Lindos. Mas nem metade do que tu és linda, bichinho.

Etta revirou os olhos, mas riu-se.

— Preciso de... Acho que tenho de fazer uma chamada — disse Alice, lentamente. — Ficas bem a ensaiar sozinha?

— Claro — disse Etta, surpreendida. — Está tudo bem?

Alice fez um gesto com a mão.

— Vai estar. Se não estiver de volta nos próximos minutos, assegura-te de que te deixam ensaiar no palco. Vais precisar de mais tempo do que os outros, porque não estiveste no ensaio geral. E qual dos *Stradivarius* vão dar-te para tocares?

— O *Antonius* — disse Etta, alegremente. Era um dos vários *Stradivarius* da coleção do Museu Metropolitan, e o primeiro com que ela iria tocar.

— Ah, a criança dourada. Vai ser preciso algum trabalho para que ele se porte bem — disse Alice. — Não me interessa o que diz a tua mãe sobre preservá-los para o futuro. É que ter instrumentos musicais incríveis como reféns, dentro de um mostrador de vidro... Sabias que...

— ... quanto mais tempo silenciámos um violino, mais difícil é para ele encontrar a sua voz verdadeira — concluiu Etta, que já ouvira aquele argumento umas cem vezes antes.

Um *Strad* — um *Stradivarius* — um dos instrumentos de cordas manufacturados pela família Stradivari do norte de Itália, no século XVII e princípios do século XVIII. Os instrumentos eram lendários pelo poder e beleza do som que produziam. Os seus proprietários não os descreviam como meros instrumentos, mas como humanos — amigos temperamentais com variações de humor que não podiam ser totalmente domados, independentemente do talento de quem os tocava.

Mesmo que o violino pessoal de Etta fosse bom — tratava-se de um *Vuillaume*, uma cópia do *Stradivarius* «Messias» e que ela herdara de Alice — era apenas isso: uma cópia. De cada vez que ela pensava em tocar um *Strad* original parecia que faíscas estavam prestes a saltar das pontas dos seus dedos.

— Já volto, bichinho — informou Alice, e tocou-lhe no queixo de uma forma afetiva. Etta esperou até que ela descesse as escadas em segurança antes de avançar pela escuridão com os olhos semicerrados.

— Estás aqui!

Etta virou-se e viu Gail, que organizava o concerto, de um lado para o outro no palco, movendo-se o melhor que conseguia no seu vestido preto muito apertado.

— Os outros já estão nos bastidores. Precisas de alguma coisa? Estamos a fazer os ensaios, um a um, segundo a ordem de apresentação, mas eu apresento-te a toda a gente. — Gail olhou em volta e uma expressão de desalento assomou no seu rosto. — A tua professora não está contigo? Bolas, estava à espera de encontrá-la!

Alice e o seu marido, que já morrera, Oskar, haviam sido violinistas reconhecidos mundialmente, e tinham-se reformado na cidade de Nova Iorque quando Oskar adoecera. Tinha morrido um ano após Etta começar a ter aulas com Alice, mas, com 5 anos, ela tinha idade suficiente para ficar com uma boa impressão da sua afabilidade e do seu humor.

Embora Alice não tocasse profissionalmente havia anos, e tivesse perdido a coragem de fazê-lo após a morte de Oskar, ainda era venerada em certos círculos pela sua estreia avassaladora no Vaticano.

— Ela vai voltar — prometeu Etta, enquanto avançavam para os bastidores. — Vai apresentar-me a toda a gente? Desculpe não ter conseguido aparecer para o ensaio geral.

— O Evan também chegou atrasado. Vai correr tudo bem. Já te mostro os cantos à casa.

A porta dos bastidores estava aberta, e uma torrente de vozes, com o tom da excitação, deslizavam na direção de Etta. Os outros violinistas olharam-na com uma curiosidade despidorada assim que ela entrou.

Estão a pensar porque estás aqui. Ela eliminou a voz do seu pensamento e avaliou-os enquanto Gail dava a volta à sala e dizia o nome de todos. Etta reconheceu dois dos três homens presentes — eram mais velhos, perto da idade da reforma. Evan, claro, ainda estava no palco. Os organizadores haviam equilibrado o rácio convidando três mulheres: uma mais velha, a própria Etta e uma outra rapariga que parecia ter a idade de Etta. Gail apresentou-a apenas como Sophia, como se não fosse necessário um apelido.

A rapariga apanhara o seu cabelo escuro, quase preto, de forma a mantê-lo afastado da cara. Vestia uma camisa branca enfiada numa longa saia escura que descia até aos tornozelos, mas a roupa não tinha metade da severidade da expressão da sua cara redonda, quando ela apanhou Etta a observá-la, de forma a averiguar se alguma vez se haviam cruzado numa competição.

— Senhor Frankwright, é a seguir — disse Gail quando Evan entrou na sala e se apresentou. Um dos homens mais velhos levantou-se, foi-lhe entregue um *Strad* maravilhoso, e dirigiu-se para o palco.

Ninguém parecia estar com espírito para conversas, o que parecia muito bem a Etta. Ela colocou os seus auscultadores e ouviu a *Largo* de uma só vez, com os olhos fechados, concentrando-se em cada nota até que a sua pequena carteira lhe caiu acidentalmente do colo e o batom para o cieiro, a maquilhagem, um espelho e algum dinheiro se espalharam sobre a tijoleira. Evan e o outro homem ajudaram-na a apanhar tudo com um sorriso nos lábios.

— Desculpem, desculpem — murmurou ela. Só quando começou a colocar tudo na carteira é que percebeu que estava um envelope branco enfiado lá dentro.